

DF — Brasília no divã de um psicanalista



“A cidade é estruturada de uma forma que proporciona uma vida confortável”

“Não devemos esquecer que a monotonia da arquitetura repetitiva é uma causa da angústia”

JBr — Comenta-se que Brasília cria problemas de ordem psicológica nas pessoas que nela vivem. Isto é verdade?

Dr. Tito — “A primeira tentativa de se ver Brasília sob o prisma psicológico foi que a capital seria um desafio às pessoas que aqui resolvessem viver, porque a cidade se propunha a uma relação humana completamente diferente pelo próprio projeto de construção de Brasília e plano urbano. Aqui não tem esquinas e todo mundo gosta do barzinho da esquina. Aqui tem espaços maiores que em outras cidades, facilidade na locomoção e permite que as pessoas façam suas principais refeições em casa. A verdade é que Brasília permite um contato do indivíduo consigo mesmo muito maior que nos grandes centros. Na realidade, um contato sui-gêneris”.

JBr — Isto é algo inédito a nível nacional ou mundial?

Dr. Tito — “Eu acho que é original, sui-gêneris. A nível mundial. Acho que existem outras cidades cujo ritmo de vida também proporcione este tipo de contato maior consigo mesmo para os seus moradores. Mas aqui, sem dúvida, é um contato diferente”.

JBr — Como assim?

Dr. Tito — “Entre os motivos, é de que Brasília propõe um contato sui-gêneris porque trata-se de uma cidade pré-fabricada. Ela não surgiu espontaneamente. E aqui eu penso que há um ponto que é muito importante abordar. Eu acredito que as pessoas, de um modo geral, se sentem bem melhor numa cidade que surgiu espontaneamente, de acordo com a demanda do grupo, da sociedade. Brasília já foi apresentada pronta”.

JBr — Alguma crítica a isto?

Dr. Tito — “Para construir esta cidade foram buscar uma pessoa que é considerada um gênio da arquitetura: Oscar Niemeyer. Eu sou da opinião de que é preciso rever a atitude que se tem frente a Niemeyer. Sem qualquer dúvida, ele deu nova dimensão à arquitetura mundial mas, as soluções que ele apresentou a criar Brasília merecem uma série de reparos. É preciso ter uma atitude crítica frente ao famoso arquiteto. Felizmente parece que isto está começando a ocorrer, pelo menos no que diz respeito ao projeto que ele fez no Tietê em São Paulo. Projeto que tem sido criticado por grandes arquitetos daquele estado”.

JBr — Mas o que há de tão errado para a cabeça das pessoas na arquitetura de Niemeyer?

Dr. Tito — “Todo mundo sabe que ele é um comunista, um socialista e nisto não vai nenhuma crítica por ele ser um comunista ou um socialista. Mas, a mim parece que a concepção que ele tem do socialismo, de igualdade, é uma concepção tão primária que está nitidamente refletida na arquitetura da cidade”.

JBr — Dá para explicar melhor?

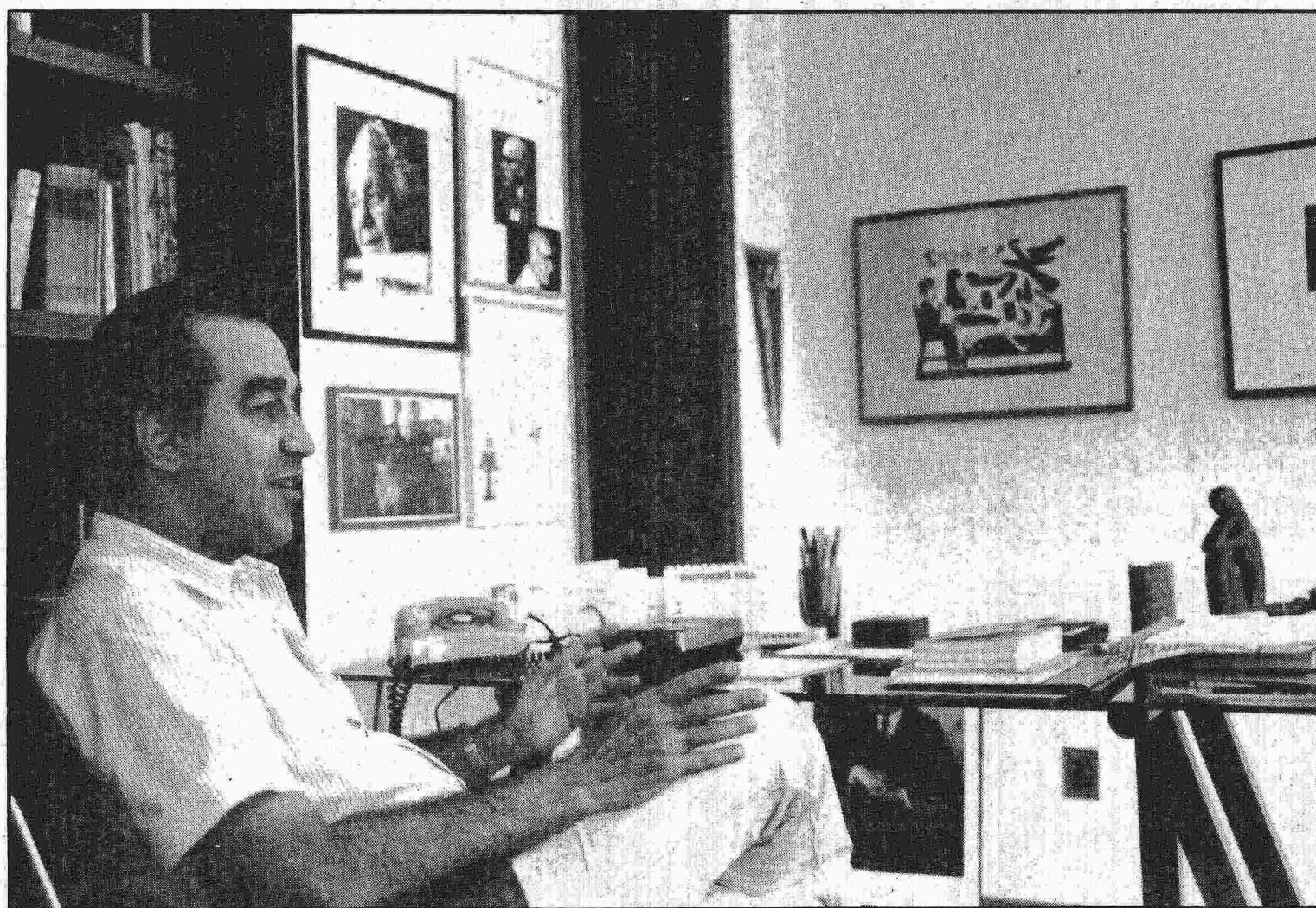
Dr. Tito — “Por exemplo: para ele, igualdade é construir uma série de casas todas iguais, ou de superquadras todas iguais. Exatamente como são as casas da Avenida W3 que, além, de tudo, são geminadas, quando havia tanto espaço na época em que foram concebidas. Tudo isto deu ao Plano Piloto um ar extremamente enfadonho e monótono”.

JBr — Isto cria angústia nas pessoas?

Dr. Tito — “Eu sou da opinião que isto se transforma num fator angustiante. Acho que é gostoso você andar numa cidade onde você possa dizer: ‘Olhe, quando tiver aquele prédio grande, você vira a esquina’. Aqui não existe aquele prédio que tem identidade própria, aquela esquina, já que tudo é igual”. Não devemos esquecer que a monotonia da arquitetura repetitiva é uma causa da angústia”.

JBr — Voltando ao socialismo, qual a parte negativa, na sua opinião, que Niemeyer trouxe para a cidade?

Dr. Tito — “Sobre isto é interessante observar que a crítica que se faz



ao modelo socialista, por exemplo, de que para o povo, coisas pequenas, e que para o poder, palácios e grandes coisas, a gente vê aqui em Brasília. Eu acho que ele reproduziu aqui, na arquitetura socialista dele, uma arquitetura que é, pelo menos na crítica, aquilo que se diz do mundo socialista. Ele colocou na arquitetura daqui um tipo de relação social, que é o que se critica nos países socialistas. Que eu acho de extremo mau gosto, monótono, pobre e uma das razões da monotonia”.

JBr — As crianças que nasceram aqui também sentem este tipo de problema com a cidade?

Dr. Tito — “Não. A meninada está meio livre porque já encontrou Brasília desta forma. Este é um problema para os mais velhos, os que antes de Brasília, moraram em outra cidade. Apesar disto, eu acredito que quando os meninos começam a crescer, virar adolescentes, sentem monotonia do Plano Piloto”.

JBr — Já que existem tantos problemas, como justificar a falta de crítica, por parte da população, a arquitetura de Niemeyer?

Dr. Tito — “Até certo ponto eu acho que o brasileiro tem muita dificuldade de ter uma atitude crítica frente à autoridade. As pessoas, de um modo geral, têm medo disto. Daí se justificar a demora em se ter uma atitude crítica frente a esta arquitetura. Isto deve ter sido agravado pelos 20 anos de ditadura que tornaram a crítica à autoridade mais difícil. Infelizmente, o brasileiro perdeu a capacidade de crítica que tinha”.

JBr — Quer dizer que tudo é ruim em Brasília, que a cidade não tem nenhum lado bom?

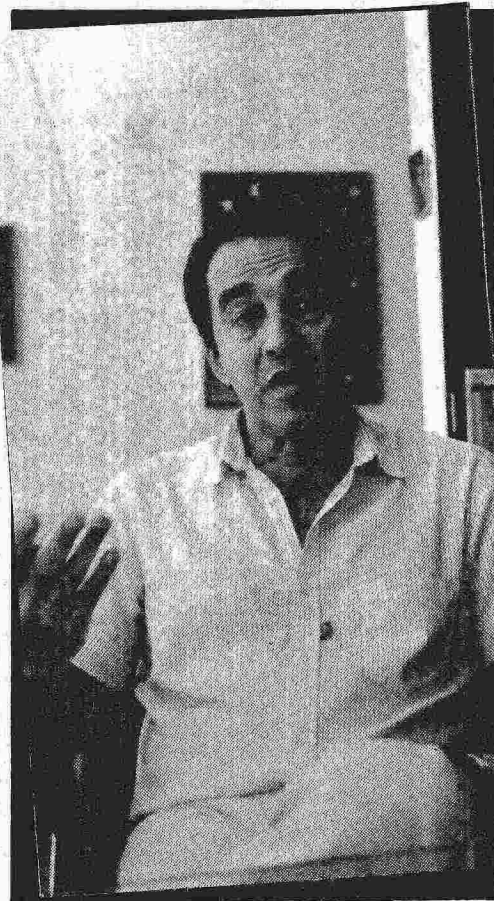
Dr. Tito — “Eu não falei isto. Brasília tem muitos lados positivos. O encontro consigo que a cidade proporciona aos seus habitantes, embora angustiante, para as pessoas que nunca tiveram tempo para isto, pode ser ao mesmo tempo criador. Com isto, elas vão aprender algo a respeito de si mesmas. Em outros grandes centros, este momento precioso não existe e as pessoas só vão conseguir isto através das horas que puderem dedicar ao encontro com um analista. Isto que Brasília proporciona é muito bom. Agora, a maneira com que cada um vai lidar com isto, depende da própria personalidade. Outro ponto importante da cidade é de que ela está estruturada de uma forma tal que proporciona uma vida confortável para quem tem recursos econômicos. A pessoa pode morar no Lago, com toda tranquilidade. Enfim, acredito que a qualidade de vida na capital seja boa. Tanto em recursos materiais, como culturais e artísticos”.

JBr — Dizem que a falta de parentes, principalmente os mais próximos, contribui para aumentar a angústia das pessoas em Brasília. Qual a sua opinião?

Dr. Tito — Isto depende muito da

Dr. Tito
Néfcias Rodrigues
Teixeira da Silva,
diretor da sede
de Brasília no Instituto
da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de
São Paulo, é um
profissional de larga
experiência. Nascido
no Rio de Janeiro, desde
1966 reside na capital.
Uma cidade que ele
analisa nesta entrevista
exclusiva, para
o *Jornal de Brasília*

Marlene Anna Galeazzi
Especial para o *Jornal de Brasília*



personalidade das pessoas. Se são pessoas que adquiriram a maturidade emocional, são pessoas que não precisam mais dos pais para viver bem. Uma das coisas que caracterizam a maturidade emocional é não necessitar mais dos pais para sobreviver. E ter recursos próprios. Agora, o fato de uma pessoa atingir este estado emocional, não significa que não vai ter a família por perto. Isto é bom, é cômodo”.

JBr — Isto só em relação à capital?

Dr. Tito — Não, isto não é um problema de Brasília, nem um problema relacionado com a mudança das pessoas para cá. Isto pode acontecer em qualquer cidade do mundo. O que acontece em Brasília, e às vezes as pessoas confundem, é que as pessoas muito dependentes da família encontram aqui mais um motivo para suas angústias”.

JBr — Em Brasília, o divã de um analista é mais usado pela classe média, média-alta ou por pessoas do poder?

Dr. Tito — A psicanálise é uma especialidade que dá acesso geralmente às pessoas de classe média para cima. Este não é um problema da psicanálise. É um problema social. O ideal seria que todos pudessem ter renda suficiente para frequentar o analista quando necessitassem. Na capital, quem frequenta o psicanalista são pessoas da classe média e classe média-alta. Pessoas do poder geralmente são muito ocupadas e, na maioria das vezes, só estão de passagem por Brasília”.

JBr — Uma cidade, como no caso específico de Brasília, pode causar neuroses?

Dr. Tito — “É importante frisar que uma cidade por si só não causa neurose em ninguém. Ela simplesmente pode contribuir na medida que não atende certas necessidades”.

JBr — Afinal de contas, o que causa a neurose?

Dr. Tito — “Hoje é muito bem sabido que as neuroses e as doenças mentais, de um modo geral as psicoses, se devem ao tipo de desenvol-

vimento da personalidade, as vicissitudes pela qual passa a criança no desenvolvimento de sua personalidade”.

JBr — Se não é a cidade, o que mais influi para isto?

Dr. Tito — “É o ambiente familiar. A família é o peso, é o local real na formação do desenvolvimento da personalidade. É o universo da criança e tudo vai depender da relação que ela tiver com a mãe, o pai e os irmãos. O fundamental mesmo são estas relações iniciais que se estabelecem no começo da vida. Isto em qualquer cidade do Brasil ou do mundo”.

JBr — Comenta-se que Brasília é a cidade do Brasil com o maior consumo de drogas. Isto é verdade? E se for, qual o motivo que leva as pessoas a consumirem droga em excesso?

Dr. Tito — “Pessoalmente eu não tenho dados para afirmar que Brasília seja a campeã no uso de drogas. Eu penso que o aumento de drogas, em primeiro lugar, seja um fenômeno universal. Em relação ao Brasil provavelmente este aumento seja também muito intenso, não apenas pelas razões universais, mas pelos anos que acabamos de viver. Eu acho que 20 anos de ditadura feriram profundamente a alma brasileira. Foram 20 anos de violência, de autoritarismo, de proibição da criatividade, de torturas e do medo. Anos que tiveram um Médiçi como símbolo da violência e um Figueiredo como símbolo da mediocridade. Eu não sei exatamente até que ponto Brasília, sendo 20 anos a capital da repressão, onde estes órgãos de repressão e o poder ditatorial estavam instalados, refletiu nesta questão. Provavelmente deve haver uma relação com isto”.

JBr — Para finalizar, como vai a família, não apenas em Brasília, mas em todo o mundo?

Dr. Tito — “De um modo geral não vai bem. Estamos vivendo um mundo onde a predominância da agressividade, a diminuição do amor, do afeto, são coisas bastante evidentes. Por isto, pessoas criadas neste clima, neste ambiente sem os valores necessários para um desenvolvimento saudável, não podem fazer um casamento saudável e nem proporcionar uma educação saudável aos seus filhos”.

JBr — Isto quer dizer que tem que se mudar a forma de casamento, os tipos de relacionamentos?

Dr. Tito — “A forma de relacionamento tem que mudar, dentro de uma nova concepção que só pode ser baseada numa relação verdadeira, livre, onde haja respeito da personalidade de um para outro, onde cada um tenha a possibilidade de existir na sua própria individualidade”.

JBr — E os casais que moram separados — algo que já está virando moda na capital?

Dr. Tito — “Na verdade isto não é uma solução. Este tipo de casamento em que os casais moram separados nada mais é que uma espécie de confissão da incapacidade de viverem juntos”.

JBr — Tem se falado muito na violência. O que o senhor tem para falar sobre o assunto?

Dr. Tito — “A violência não é apenas um sinal de ausência do amor, mas também uma ausência do conhecimento”.

Conclusões da jornada

A Jornada Brasileira de Psicanálise realizada em Brasília durante os dias 24, 25 e 26 de outubro, com a participação de aproximadamente 60 pessoas, de acordo com os psicanalistas que dela fizeram parte, «teve pleno êxito». Proporcionada pelas quatro Sociedades de Psicanálise do Brasil, duas de São Paulo, da qual a da capital é uma extensão, uma do Rio de Janeiro e uma de Porto Alegre, ela teve como objetivo, entre outras coisas, fazer uma espécie de averiguação de como os psicanalistas brasileiros trabalham, suas teorias e influências. Uma das constatações da

Jornada foi de que a psicanálise brasileira continua trabalhando na direção iniciada por Freud, seguida por Klein e por Bion — sendo que atualmente está ganhando também um espaço importante a psicologia psicanalítica do Self, de origem norte-americana. São linhas que se convergem, se completam. Apenas a psicologia psicanalítica da Self coloca alguns pontos questionáveis por algumas escolas. Por isto podemos afirmar que os psicanalistas brasileiros trabalham todos dentro de linhas que se aproximam, quando não são iguais.